

# Economistas rejeitam mágica contra inflação

LÉA CRISTINA

O Governo não deve e nem tem condições de adotar qualquer mágica para conter os preços. Pelo menos no momento. Segundo economistas de diferentes correntes ouvidos pelo GLOBO, apesar da inflação ter voltado a se acelerar, o desequilíbrio financeiro da União faria com que qualquer intervenção mais direta do Estado sobre os preços resultasse em fracasso. Para a maioria, isto aconteceria mesmo no caso de se adotar uma prefixação negociada.

As opiniões persistem mesmo diante de uma inflação que deve fechar o ano entre 2000% e 2.200%, na melhor das hipóteses — aí não se considera a possibilidade de choques. Uma taxa bem abaixo dos 6.585% do período compreendido entre maio 1989 e abril 1990, recorde na história do Brasil para o acumulado de doze meses. Mas muito acima dos 238% do período entre março 1985/fevereiro 1986, quando o congelamento do Plano Cruzado foi decretado.

O caminho seria esperar o saneamento das contas, dizem os economistas. Alcançado o equilíbrio, talvez as taxas de inflação caíssem naturalmente. Ou aí sim, os agentes dariam credibilidade a títulos e medidas adotadas pelo Governo e caberia um instrumento de desindexação. Só que as medidas que levam a esse saneamento não dão resultado de curto prazo: novo enxugamento do setor público via revisão constitucional, aceleração da privatização, etc... O que fazer até lá, enquanto a inflação segue crescendo?

A equipe econômica está cansada de repetir que não fará mágicas. E que é preciso ter paciência: que a inflação vai crescer até setembro, mas começa a cair a partir de outubro, com o fim da entressafra. A questão é que os agentes econômicos se mantêm em alerta constante porque o tempo em jogo não é meramente técnico. Para muitos, se não conseguir reverter a tendência de alta da inflação, a equipe econômica pode se ver levada a adotar algum choque devido ao tempo político: as eleições de 1994 estariam exigindo que os técnicos mostrassem resultados imediatos.

Mas para a maioria dos economistas ouvidos, a equipe é séria e está consciente de que não adianta tentar inventar mais uma vez. Isto, acentuam, porque choques dão resultados num primeiro momento, mas fracassam logo adiante porque o fundamental — o equilíbrio das contas — não existe:

— A equipe sabe que mágicas, sim, é que podem abrir as portas da hiperinflação — sintetiza o

## As perspectivas para o curto prazo

### INFLAÇÃO DE 2000% O ASSUSTA? ACHA QUE O GOVERNO TENTARÁ ALGUMA MÁGICA?



**Marcílio  
Marques  
Moreira**

Inflação em qualquer nível me assusta. Estamos diante de um quadro dramático que precisa ser revertido. Não. Essa equipe econômica e o próprio ministro são pessoas capacitadas. Sabem que esse sim seria o caminho mais rápido para a hiperinflação. É preciso quebrar essa aparente paralisia, através de um conjunto de medidas concretas de política monetária e de mudanças de expectativas.



**Cláudio  
Considera**

Assusta. Mas é bom que todos fiquem bem assustados para que uma solução seja encontrada. O Governo não deve se desesperar e achar que tem que fazer alguma mágica. Acho que não vão fazer: sem o ajuste fiscal, não há condições mínimas para dar certo. Com o Congresso aprovando a nova política salarial, seria bom tentar algum tipo de política de rendas com os empresários.



**Luiz  
Roberto Cunha**

Não. A experiência brasileira não permite que eu me assuste mais com a inflação. Acho que a equipe tem consciência de que qualquer mágica estaria fadada ao fracasso: rápido, seguro e rasteiro. A avaliação deles é clara: enquanto não se resolver a questão fiscal, nada adianta. Primeiro é preciso dar novos e claros sinais de que se trabalha contra o déficit. Depois seria possível negociar uma prefixação.



**Reinaldo  
Gonçalves**

Assusta e cria expectativas muito ruins. Levamos vários meses para passar de 25% a 33%, mas não há teoria que diga que de um mês para outro não pode haver forte aceleração. Congelamento não. Dolarização, talvez. Mas penso é que tentarão uma política de rendas de varejo: pressão sobre empresas ou setores específicos, via cobrança de impostos e de práticas abusivas.



**Julian Chacel**

É aguda, mas ainda não é hiperinflação. E a despeito de termos uma taxa que representaria desorganização em outros países, aqui a situação é outra devido à indexação. Sou um observador de fora e como tal não estou com a responsabilidade de aconselhar. O México seguiu a via do pacto social e a Argentina adotou a dolarização, mas os dois têm uma atitude cooperativa entre Executivo e Legislativo.



**Eduardo  
Modiano**

1000% já assustava. 500% também. O problema é que tudo indica que há uma nova escalada em curso. Acho que até o fim do ano estará em pelo menos 38%. E isso só por conta da nova política salarial. Não. A equipe econômica está vacinada e sabe que sem as mudanças estruturais qualquer heterodoxia acaba tendo vida curta. O PAI devia ter sido mais profundo. Resta esperar a revisão constitucional.

ex-ministro da Economia Marcílio Marques Moreira, para quem a política monetária não pode ser frouxa: ele critica a expansão da moeda ocorrida em julho (34% acima da inflação) e pede maior cuidado também em relação ao déficit.

Dos seis economistas ouvidos, cinco se dizem assustados com a taxa acima de 2000% prevista para este ano. Um deles é Cláudio Considera, coordenador do Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Teme o que possa vir por aí, mas acha que antes assim:

— É bom que todos fiquem bem assustados para que uma solução seja encontrada — afirma Considera. Considera acha que seria recomendável tentar alguma medida negociada agora. Mas não sem antes apresentar uma prova de força: como a aprovação pelo Congresso do projeto da política salarial do Governo. E o diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Julian Chacel, espera que o Congresso cada vez mais se conscientize que precisa trabalhar em conjunto com o Executivo.